

Apesar dos progressos, a questão da dívida ainda é prioritária 369

por Sônia Jourdani
de São Paulo

O ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, está certo de que o aumento da produção agrícola e mineral e o maior consumo de energia elétrica são indicadores seguros de que o Produto Interno Bruto (PIB) poderá crescer pelo menos 2% neste ano. Sua única dúvida é sobre a sustentação deste processo de reaquecimento da economia, recém-esboçado, possível graças ao desempenho surpreendente das vendas externas brasileiras e, portanto, muito dependente da expansão do comércio internacional.

Estas declarações foram feitas pelo ministro antes de sua entrada no auditório do Maksoud Plaza, ontem, onde fechou o encontro "Alternativas de Reestruturação Econômica Mundial", promovido pelo Unibanco e pela Sul América de Seguros. Galvêas iniciou sua palestra retomando o ponto em que o ex-ministro Mário Henrique Simonsen havia encerrado sua conferência: "A dívida externa acumulada pelos países em desenvolvimento ainda é o maior problema da economia mundial".

Mais tarde, em rápida conversa com este jornal,

Galvêas explicou o porque da aparente contradição entre esta sua advertência e as declarações tranquilizadoras sobre o equacionamento da questão externa. No caso brasileiro, segundo ele, algumas batalhas foram ganhas e o acerto com os credores está bem encaminhado para o ano que vem, que deverá encerrar o ciclo de negociações de curto prazo.

Resta, portanto, dar ao problema da dívida uma solução de longo prazo, com iniciativas que um governo em fim de mandato não se poderia permitir sem o risco de avançar na próxima administração, assumindo compromissos pelos quais não poderia responder.

A questão dos juros, no entender do ministro, é absolutamente prioritária. A elevação das taxas, lembrou, acresceu US\$ 22 bilhões à dívida somente no período de 1979 a 1983. Para resolver esta situação, Galvêas não tem dúvida de que o caminho a ser seguido deve passar por Washington, onde os congressistas americanos precisam ser conscientizados da urgência de uma reforma nas políticas monetária e fiscal dos Estados Unidos. "A dívida é um problema de todos", disse o ministro.